

*Quase tudo se leva de uma criança  
Jamais se consegue levar a sua memória*

*Antes de mais, dedico este livro à memória, que todos devemos ter, dos meninos e meninas portuguesas que foram levados por alguém e cujo destino ainda hoje permanece escondido aos nossos olhos, mas jamais afastado do nosso pensamento. Aos respectivos pais e famílias, cuja dor nem nos atrevemos a imaginar.*

*Dedico-o pessoalmente àqueles que têm a paciência de me aturar durante os processos de escrita. Aos meus pequenos Ricardo e Maria Beatriz, à Joana, à Marina, à minha mãe e ao meu pai, cuja terra natal, Aldeia das Dez, serviu de inspiração para o início e conclusão deste mergulho no Mal, mas, simultaneamente, serviu também para perpetuar a existência de uma pequena aldeia, virada para a serra da Estrela, onde, há mais de sessenta anos, havia meninos com oito ou nove anos que guardavam rebanhos de cabras enquanto faziam os trabalhos da escola debaixo de neve e chuva, os mesmos meninos que roçavam molhos de mato e andavam quilómetros para ir buscar lenha. Não obstante, e muitas vezes sem um pingão de apoio, dali saíram grandes Homens.*

Paulo Pereira Cristóvão

*A todos aqueles que deixaram de ser crianças antes do tempo. Aos meninos e meninas que, por esse mundo fora, caíram no abismo e na escuridão por culpa de alguém. Levaram-me é para vocês... é um grito, um apelo ao vosso direito à liberdade. É a revolta contra o silêncio, meus pequenos. Espero que este livro viaje pelo mundo e vos encoraje a ver a luz do dia... A vida espera por vocês, mesmo quando tudo parece desalinhado. Valerá sempre a pena voltar a ver-vos sorrir. Levaram-vos a inocência, mas jamais alguém vos tirará a coragem e a memória.*

*Aos meus pais, António e Marília, com respeito e gratidão. Obrigado mãe, por todas aquelas vezes que foste ao meu quarto, noite dentro, e me encorajaste a continuar. Todos esses momentos foram inspiradores. À Tita, minha alma gémea e companheira de uma vida. Ao meu querido «Chefe» Silva, pela tolerância e paciência dos últimos seis anos. Tenho ainda tanta coisa aprender consigo. Ao Amsterdam Marques, pelo carinho. Voltaria a fazer tudo de novo.*

*Ao mestre. Obrigada, Paulo, por teres cruzado o meu caminho.*

Susana Ferrador

## ANTES DE MERGULHAR...

É sempre difícil, para o cidadão comum, abordar temas como aqueles que são tratados neste livro. Na verdade, a pedofilia e as redes internacionais, que alimentam um sem-número de homens com virtudes públicas e vícios privados, são assunto tabu para muita gente, como se a ignorância fosse o caminho mais rápido para a resolução de qualquer problema. É precisamente a ignorância que queremos combater quando nos propomos mergulhar — porque se trata exactamente de um mergulho — numa rede pedófila internacional.

A *história* de António, um menino português de nove anos, levado da Aldeia das Dez, em Oliveira do Hospital, Coimbra, poderia e pode ser a história de qualquer menino ou menina «levados» por gente sem escrúpulos e cuja alma ou sensibilidade desapareceu quando, pela primeira vez, levaram uma criança, abusaram dela ou a colocaram em posição de ser violentada por outros.

O António podia chamar-se Rui Pedro Mendonça, Rui Pereira, João Teles... Após este *mergulho*, caberá ao leitor debruçar-se sobre a mais difícil das dúvidas que assalta pais, familiares, investigadores e estudiosos deste assunto: será que a morte prematura às mãos de predadores sexuais é um «final preferível» a ter um filho vivo que se transformou, ele próprio, num monstro tão vil quanto aqueles que o levaram?

Este *mergulho* nem sempre é fácil de ler ou talvez até de assimilar, mas é a dura realidade, e esta deve sempre sobrepor-se a todas as convenientes estatísticas ou tentativas de subestimação de um problema que, para muitos, é ainda algo de distante mas que, seguramente, já afectou crianças portuguesas. Não olvidamos que durante todo o processo de feitura deste livro as faces do Rui Pedro Mendonça e do Rui Correia Pereira, bem como tudo o que envolveu os seus desaparecimentos em 4 de Março de 1998 e 2 de Março de 1999, estiveram sempre presentes na nossa memória. Estes casos foram paradigmáticos da forma como operam aqueles que *levam* crianças para depois abusarem delas, as escravizarem e as explorarem sexualmente.

O facto de ter convidado para este *mergulho* uma jovem jornalista para comigo se embrenhar neste mundo à parte e *viajar* pela Europa Ocidental, do Norte, do Leste e continente asiático e, pela primeira vez, colocá-la perante uma realidade chocante, tenebrosa e onde a condição humana desce ao que de mais baixo se pode imaginar, poderia revelar-se um risco, e foi-o, de facto. Todo o desconhecido comporta riscos e todos os riscos apresentam incertezas. A Susana mostrou que a aposta valeu a pena ao compensar inexperiência na escrita com trabalho incansável; ao ultrapassar o choque das matérias com a vontade de mostrar ao público uma parte escondida da nossa vida de todos os dias; ao enriquecer a sua personalidade e vivência mesmo quando tal foi feito à custa da dura confrontação com experiências para muitos inalcançáveis e inimagináveis.

A aposta foi ganha e o risco compensou. Proporcionámos assim, em conjunto, uma visão do funcionamento não só das mentes dos pedófilos e das organizações nas quais se movem mas também do que sofrem aqueles, como o António, que, ainda crianças, são arrastados para mundos nos quais o respeito pela vida e pela inocência nada significam.